

## PARA UMA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA DE ALEXANDRE HERCULANO.

(Antônio José Saraiva: *Herculano e o Liberalismo em Portugal — Os problemas morais e culturais da instauração do regime — 1834-1850.*  
Volume I, Lisboa, 1949) (\*).

---

### JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Os artigos, opúsculos, conferências, livros, regorgitam desde 1877, ano em que morreu Herculano, sobre a sua personalidade, as suas idéias, a sua ação... Quase diríamos, a avaliar pela quantidade — mais de uma centena de trabalhos dedicados a Herculano —, que o grande homem do Portugal do século XIX não ofereceria o mínimo mistério a desvendar. E no entanto assim não sucede. Trabalhos sérios, contribuições originais, não encontramos, talvez, mais de uma dúzia (1). E é a

---

(\*) — Passaram quase vinte anos sobre a publicação deste livro de Antônio José Saraiva, e só recentemente a bibliografia sobre Herculano retomou o seu curso. Primeiro, com o pequeno livro de Maria Beatriz Nizza da Silva (*Alexandre Herculano — O Historiador* —, Livraria Agir Editôra, Rio de Janeiro, 1964), e logo depois com os livros de Antônio Borges Coelho (*Alexandre Herculano*, Editorial Presença, Lisboa, 1965) e Manuel Trindade (*O Padre em Herculano*, Editorial Verbo, Lisboa, 1965). Eu próprio, autor de um livro sobre Herculano (*As idéias políticas e sociais de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1949), publicado pouco antes de o de Antônio José Saraiva, procurei na parte final desse livro, dar uma bibliografia crítica exaustiva dos trabalhos até então publicados sobre o grande historiador do século passado. A presente nota crítica, redigida em 1950, e só agora dada à publicidade, tal como outras que se seguirão, a propósito dos livros recentemente publicados e acima citados, tem como objetivo completar a bibliografia crítica que elaborámos há quase vinte anos atrás.

(1). — Alguns dos trabalhos que a seguir mencionamos não têm Herculano como objetivo fundamental, como sucede com os de Oliveira Martins, Silva Cordeiro, Teófilo Braga, e com um dos trabalhos de Vitorino Nemésio; outros são trabalhos parciais, ocupando-se de um aspecto apenas da sua personalidade. São todos, no entanto, trabalhos sérios que alguma coisa

esta relativamente curta lista de trabalhos que se vem juntar aquêlê que é o motivo destas linhas. Antônio José Saraiva vem, para já, com êste seu 1º volume, dar uma contribuição de tomo ao conhecimento da personalidade e da ideologia de Herculano. Poderemos até dizer que o trabalho de Antônio José Saraiva é, com as páginas de Oliveira Martins no **Portugal Contemporâneo**, o que de mais penetrante se escreveu sôbre Herculano. Não que estejamos de acôrdo com tudo o que Antônio José Saraiva nos diz no seu livro. Alguns reparos, algumas discordâncias temos a assinalar, e nem sempre de importância secundária. No entanto, no balanço geral, somos levados, sem nenhuma dúvida, à afirmação de que Antônio José Saraiva é, com Oliveira Martins, o mais penetrante estudioso de Herculano.

\*

O índice deste 1º volume, dá-nos seis capítulos: I. — **O Regresso do Proscrito**; II. — **Liberalismo e Cristianismo**; III. — **Um Ecletismo Filosófico-Religioso**; IV. — **Teoria Política do Cartismo**; V. — **Um Programa de Ensino Popular**; VI. — **A Reforma Literária**. A anteceder êstes seis capítulos há uma **Nota Prévia** e uma **Introdução Biográfica**.

\*

---

trazem ao conhecimento de Herculano:

- Albin Eduard Beau: **O conceito da história de Alexandre Herculano** (Bíblis, Vol. XII Coimbra, 1936, ps. 497-528).
- Teófilo Braga: **História do Romantismo em Portugal**. Lisboa, 1880.
- J. J. Gomes de Brito: **A obra monumental de Alexandre Herculano**, no Vol. 21.º do **Dicionário Bibliográfico Português**.
- Adolfo F. Coelho: **Alexandre Herculano e o ensino público**. Lisboa, 1910.
- J. A. da Silva Cordeiro: **A crise em seus aspectos morais**. Coimbra, 1896.
- António Leitão de Figueiredo: **Herculano e Döllinger**. Coimbra, 1938.
- David Lopes: **Os árabes nas obras de Alexandre Herculano**. Coimbra, 1911.
- J. P. Oliveira Martins: **Portugal Contemporâneo**. Lisboa, 1883.
- Paulo Merêa: **O liberalismo de Herculano** (Bíblis, Vol. XVII, Tomo II, Coimbra, 1941).
- Vitorino Nemésio: **A mocidade de Herculano — até à volta do exílio (1810-1832)**. 2 Volumes, Lisboa, 1934.
- Vitorino Nemésio: **Relações francesas do romantismo português**. Coimbra, 1936.
- António de Serpa Pimentel: **Alexandre Herculano e o seu tempo (estudo crítico)**. Lisboa, 1881.
- Carlos Portugal Ribeiro: **Alexandre Herculano. A sua vida e a sua obra**. 2 Volumes, Lisboa, 1933-1934.
- Gustavo de Matos Sequeira: **Uma genealogia interessante**. Ilustração Portuguesa, 1906.

Na **Introdução Biográfica**, em pouco mais de trinta páginas, Antônio José Saraiva dá-nos uma das mais completas biografias de Herculano. E algumas novidades são nela apresentadas. Antônio José Saraiva dá-nos um Herculano diferente daquele a que estávamos habituados, dá-nos um Herculano real e não um Herculano trabalhado pela lenda. O Herculano de “antes quebrar que torcer”, o Herculano sem mácula, aparece-nos nesta pequena biografia mais humanizado e menos lendário. Um Herculano que tem também as suas fraquezas, as suas incoerências, as suas hesitações.

São ilustração destas palavras, a sua atitude perante a ditadura de Costa Cabral, e aquilo que posteriormente êle disse ter sido a sua atitude, e é-o também a aceitação da direcção do **Diário do Governo** a quando do governo setembrista de Sá Nogueira, fase em que Herculano diz não ter tomado qualquer compromisso com o governo. a não ser ... não o atacar; êle, que antes se demitira por não ter querido servir um governo setembrista.

Outra novidade desta curta biografia está na vida política de Herculano após 1836. Onde todos viram um Herculano transformado em rato de biblioteca, Antônio Saraiva viu um Herculano intervindo na vida portuguesa, embora esta intervenção não possa ser completamente posta a claro, pela própria natureza dela, pois Herculano atuou quase sempre por detrás dos bastidores e êsse fato torna difficílissima a tarefa do historiador.

Ainda outra novidade, e de tomo, nos apresenta Antônio José Saraiva quando nesta **Introdução** nos dá a conhecer uma longa série de importantes artigos de Herculano que tinham até hoje passado despercebidos. Muitos dêles não são assinados, mas pelo assuntos tocados, pela doutrina exposta, pelo estilo, são ineludivelmente de Herculano: cêrca de 30 artigos do jornal **O Paiz** publicados em 1851, e outros tantos d'**O Portuguez** publicados de 11 de abril a 6 de junho do mesmo ano.

E para terminar, uma última novidade, mas com a qual não estamos de acôrdo. Antônio José Saraiva, ainda contra as idéias feitas que circulam em todos os trabalhos sôbre Herculano, afirma-nos que a retirada para Val de Lobos não teve na vida e na ação de Herculano o efeito que é comum atribuir-se-lhe. Diz-se comumente — e até o próprio Herculano o diz, e talvez daqui a convicção que se creou — que o grande historiador terminou tôda a sua carreira literária e política com a ida para Val de Lobos. Ora Antônio José Saraiva impugna esta con-

vição com a, ainda assim extensa, lista das publicações que Herculano fez de Val de Lobos, e também com a correspondência que êle mantinha com destacadas personalidades da época, e ainda com a visita de figuras ministeriais como Casal Ribeiro ou Antônio de Serpa, personagens como o embaixador espanhol Fernando de los Rios ou o Imperador do Brasil. Da sua atividade política, embora nos diga que pouco se sabe, cita-nos uma carta de Antero de Quental a Oliveira Martins onde se alude à intenção de Herculano fazer esforços no sentido da criação do partido republicano, e onde se fala de uma adesão de Herculano aos ideais democráticos.

Parece-nos, no entanto, que a idéia feita do Herculano solitário de Val de Lobos tem muito de verdade. Se repararmos para o tipo de publicações que Herculano fez de Val de Lobos, tôdas as dúvidas desaparecerão. Vejamos: para publicar os três primeiros volumes dos **Opúsculos** bastou seleccioná-los, pois êles estavam todos publicados, embora dispersos; para publicar a 3ª edição das poesias não foi necessário fazer trabalho original; a direção do **Portugaliae Munumenta Historica** era apenas a direção da publicação; a publicação da 1ª edição em volume de **O Bobo** era trabalho como o feito para os **Opúsculos**; as cartas aos amigos e aos jovens da época era trabalho ao alcance de qualquer solitário e desistente; a carta a José Fontana é como que uma reedição das suas célebres polémicas com o Clero; a polémica com Paulo de Moraes e a controvérsia com Barros Gomes não transcendem uma correspondência epistolar um pouco aturada; a tentativa de continuação da **História de Portugal** não passou dum projeto; a polémica com Cardenas foi trabalho realizado com material acumulado dos seus velhos tempos de infatigável trabalhador. Nada disto passava de trabalho ocasional, dada a preparação, nos assuntos tratados, alcançada por Herculano. Eram meras respostas a problemas que lhe eram postos.

E' na carta a José Fontana que Herculano logo nas primeiras linhas diz não saber se a conferência de Antero se tinha chegado ou não a realizar. E' nas cartas a Oliveira Martins que Herculano freqüentemente afirma que êste ou aquêlê assunto é nôvo para êle pois não é do seu tempo. E' que na verdade, com a ida para Val de Lobos desapareceu o investigador, desapareceu o estudioso, o curioso das coisas que pelo mundo se passavam e se escreviam. Quanto à sua atividade política também sabemos que o seu nome chegou a aparecer em 1870 como candidato republicano a deputado. Mas em tudo isto an-

dava mais a grande vontade dos jovens republicanos da época aproveitarem o seu nome prestigioso, do que uma adesão autêntica de Herculano ao republicanismo e sobretudo às agruras e desilusões da sua passada vida política. Herculano nunca deixou de ser o “liberal ferrenho” que não ia além de uma monarquia representativa, e para quem a democracia era o despotismo das maiorias, a tirania das massas ignaras. Quanto às visitas de ministros a Val de Lobos, quanto às visitas de Fernando de los Rios e do Imperador do Brasil, elas não foram mais do que visitas ao homem consagrado que na época era Herculano. Consagrado ... e aposentado.

E como último reparo a esta excelente biografia, diremos que a emigração continua a ser um período onde quase nada se enxerga da vida de Herculano. Até agora, só Vitorino Nemésio se preocupou detalhadamente com o assunto, mas quer-nos parecer que se alguma luz surgiu quanto à emigração no seu conjunto, muito pouca se projetou na personalidade de Herculano.

\*

No capítulo I, **O Regresso do Proscrito**, Antônio José Saraiva procura dar os aspectos fundamentais do choque provocado pela revolução liberal. O choque entre o Portugal velho, reacionário, beato, e o Portugal novo, liberal, imbuído da filosofia das luzes. As razões deste choque, situa-as Antônio José Saraiva, fundamentalmente, na independência econômica do Brasil, na abertura dos portos, e na concorrência do comércio inglês liberto das pautas protecionistas que defendiam o comércio português. A base da vida burguesa fôra seriamente atingida e 1820 surgira. Mas um dos objetivos fundamentais, o regresso do Brasil à órbita do comércio português, falha, e a burguesia portuguesa procura uma compensação no mercado interno do próprio continente. Mas o campesinato estava reduzido a um nível de vida de miséria. A aristocracia eclesiástica e nobiliária desfrutava dos direitos feudais. Os foraes, os dízimos, os direitos de portagem que recaíam sobre o trânsito das mercadorias eram uma realidade e um grande obstáculo à prosperidade da burguesia, confinada ao mercado interno. Os decretos de Mousinho de 1832 e 1833, os de Joaquim Antônio de Aguiar de 1834, transformam a estrutura de toda a vida portuguesa. Em toda esta revolução o clero aparece à cabeça da

contra-revolução, não só porque o clero regular era o maior possuidor de bens da corôa e o maior proprietário de bens inalienáveis, mas também porque dispunha duma organização e coesão muito superiores às da nobreza. Era êle o mentor da sociedade monarco-feudal: fornecia quadros pedagógicas, dava a estrutura ideológica com o poderoso apôio da sanção religiosa. A luta não terminara pela vitória das armas. Ia continuar na paz. O Portugal nôvo e o velho continuam o combate. Herculanô combatera como soldado com a espingarda. Agora com os seus trabalhos literários. E' êle um dos grandes combatentes da frente ideológica do liberalismo vencedor. Antônio José Saraiva dá-nos elementos para ajuizarmos da amplidão dessa frente ideológica. A partir de 1833 (ainda no meio da guerra) multiplicam-se as sociedades culturais, como a **Sociedade de Ciências Médicas e de Literatura**, a **Sociedade de Jurisprudência do Pôrto**, a **Sociedade dos Amigos das Letras**, a **Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis**, a **Associação dos Advogados de Lisboa**, a **Associação dos Literatos e Artistas do Conservatório**; fundam-se jornais que divulgam conhecimentos e publicam textos literários para a classe média, como o **Repositório Literário**, o **Jornal Mensal de Educação**, o **Jornal dos Amigos das Letras**, o **Panorama** (que tinha, numa época em que a população do País era de menos de 3 milhões de habitantes, 5.000 assinantes!!!), a **Ilustração**, a **Revista Universal Lisbonense**, o **Arquivo Universal**, o **Arquivo Pitoresco**, etc. A partir de 1834 constituem-se muitas bibliotecas públicas. Em 1835 é organizado o ensino primário. Em 1836 funda-se a **Escola Politécnica**. Surge o ensino médio com a fundação dos Liceus. Funda-se o **Conservatório** e o **Teatro Nacional**. E' nesta fortíssima frente ideológica que alinha Herculanô, preparado com a experiência da emigração. Herculanô vem imbuído de um catolicismo liberal bebido provavelmente em Chateaubriand, Madame Staël, etc. Em filosofia tinha assimilado o ecletismo de Victor Cousin. Também o deve ter interessado Lamennais com a sua tentativa de conciliação do Cristianismo com o liberalismo. Tinha tomado também contato, e contato frutuoso, com a historiografia do romantismo francês: Thierry e Guizot, são os dois pilares da estrutura ideológica de Herculanô. As **Lettres sur l'Histoire de France** e a **Histoire de la Civilisation en Europe** são para Herculanô dois livros fortemente sugestivos. De Guizot é a sua filosofia da história, expressa na **História de Portugal**; e quanto a Thierry, diremos muito se nos lembrarmos que Herculanô escreveu as **Cartas sôbre a História de Portugal**.

E' com esta preparação que Herculano se lança na luta ideológica, cuja frente abrange três setores: o religioso, o do ensino público, e o literário.

\*

O capítulo II, **Liberalismo e Cristianismo**, é quanto a nós o melhor capítulo do excelente livro de Antônio José Saraiva. Ali encontramos claramente definido um aspecto da ideologia de Herculano que por ninguém tinha sido visto: o choque entre a filosofia e a religião, a função social da religião, e a sua articulação com o liberalismo.

Para Herculano, o século XVIII era o grande inimigo, cujo espírito era preciso combater. "Anular a influência dos homens imbuídos do espírito das luzes — tal é a tarefa que Herculano reputa preliminar para a regeneração moral da sociedade portuguesa". O filosofismo, vê-o Herculano, como revolucionário, que "desconhece os valores tradicionais, e vê nos vestígios do passado apenas as ruínas odiadas do feudalismo econômico, cuja derrota lhe custara rios de sangue". Herculano inicia um combate sem tréguas contra a filosofia iluminista. Renega a Enciclopédia, renega Voltaire, renega D'Holbach, e apenas Rousseau se salva porque... "era uma alma religiosa". O século XVIII é acusado por Herculano de ter pretendido substituir a filosofia à religião. Ora a filosofia para Herculano resume-se em dois sistemas que mutuamente se destroem. Por um lado o **sensualismo** ou **materialismo** com Bacon-Locke-Condillac, por outro o **criticismo** ou **racionalismo** com Descartes e Kant. A filosofia para Herculano leva ao ceticismo que torna impossível a vida dos homens. Os sistemas filosóficos contradizem-se, e não saiem de um beco sem saída. A contradição entre Locke e Kant é a expressão deste beco sem saída. Diz Herculano: "Com Kant o universo é uma dúvida, com Locke é um dúvida o nosso espírito: e num destes abismos vêm precipitar-se todas as ontologias". E esse abismo é o ceticismo absoluto, ceticismo em que é susceptível de cair o indivíduo, mas não a sociedade. Na incerteza, no ceticismo, não se pode fundamentar a moral. Há no homem uma necessidade psicológica de crer. E por isso a filosofia nunca poderá substituir as crenças tradicionais e afetivas. A **incredulidade** como **crença**, a **negação** como **sistema**, é impossível em relação à totalidade, ou ainda, ao maior número dos indivíduos. "Não interessa a Herculano discutir no puro domínio da teoria a verdade ou o erro deste ou daquele sistema. Interessa-lhe encontrar um fundamento para a conduta huma-

na". "Os sistemas filosóficos, múltiplos e contraditórios, não permitem a fundamentação de uma moral constante e indubitável. A moral tem de assentar num mundo mais estável que as congeminações humanas. E' êsse mundo o da consciência?" Herculano responde-nos negativamente, pois "Os instintos da consciência, dependentes do temperamento, da educação, da fisiologia, do estado físico, só podem produzir a anarquia moral, a contradição nos atos humanos". Devemos, segundo Herculano, procurar a norma moral da consciência para além da própria consciência. E' para além da consciência e da razão, para além do homem, num mundo não contingente que tem de ser procurado o fundamento da moral. Para êle, "só a religião pode servir de fundamento à moral": **a moral que não desce do céu nunca fertilizará a terra.** A religião é chamada por Herculano "não já ao tribunal da razão mas ao das conveniências da vida do homem em sociedade". E para Herculano é o Cristianismo, a religião que está destinada a regenerar o mundo. Segundo êle, a difusão da religiosidade é a missão que está destinada ao século XIX e aos seus escritores, não se importando nem perguntando êle se o apóstolo do Cristianismo é pessoalmente cristão. "A moral pública, a humanidade e o proveito da pátria interessam aqui muito mais do que as crenças íntimas dos indivíduos que as servem; e uma vez que ganhem com a difusão do Cristianismo, o escritor deve guardar para si as próprias dúvidas, e dirigir-se ao público como se apenas tivesse certezas. Cumpre-lhes, crentes ou incrédulos, educar religiosamente aquêles que o progresso da liberdade exige que sejam religiosos".

Herculano procurava harmonizar a nova sociedade, saída da revolução liberal, com a religião. E para isso era urgente fazer uma distinção entre o clero e a religião, pois os emigrados, camaradas de Herculano, eram até ali levados a combater clero e religião como se se tratasse de uma e mesma coisa. O clero solidarizara-se com o despotismo e daqui concluíam que a religião tinha tomado a mesma atitude pelas mãos do clero reacionário. E é com o objetivo de separar a religião do clero e de salvá-la, que Herculano vê um êrro na atitude que tomam os defensores do Cristianismo quando defendem não só o Evangelho, mas tornam esta defesa solidária da história da Igreja, com a política temporal dos Papas, as perseguições religiosas, a Inquisição. Anti-clerical e observando apenas o texto evangélico, Herculano faz dêle brotar dois conceitos fundamentais: a liberdade e a caridade. Para êle, "o Cristianismo é contraditório, não com a liberdade, mas com o despotismo, não com o



nôvo, mas com o antigo regime”. O seu violento anti-clericalismo levou a apodarem-no muitas vêzes de protestante. Mas o catolicismo pareceu-lhe sempre muito mais eficaz do que o protestantismo “onde as exterioridades eram sacrificadas ao rigor abstrato do pensamento e à pureza da doutrina”. E a eficácia era tudo para Herculano, pois como já dissémos, a religião para êle não era mais do que “negócio eminentemente social”, devendo ser feita a sua apologia com sacrifício das próprias convicções individuais, a bem da sociedade e da pátria. “A mesma razão que leva Herculano a preferir a religião à filosofia, leva-o a preferir o catolicismo ao protestantismo”.

E’ numa nota a êste capítulo que Antônio José Saraiva combate o tão falado kantismo de Herculano. Chega à conclusão que Herculano conheceu Kant de segunda mão e foi sempre levado pelas deformadoras interpretações daqueles que lho deram a conhecer, quer êstes fôssem Madame de Staël, Bautain, ou ainda e sobretudo — acrescentaremos nós — Victor Cousin através das suas **Leçons sur la philosophie de Kant**, onde “le scepticisme absolu devrait être la conclusion dernière de toute la philosophie de Kant, aussi bien dans la partie morale que dans la partie spéculative”, e ainda, onde “le scepticisme ... est le résultat rigoureux de la **Critique de la raison pure** ...”. Lembremo-nos de que Herculano afirmava que, “com Kant o universo é uma dúvida”.

\*

No Capítulo III, **Um Ecletismo Filosófico-Religioso**, Antônio José Saraiva mostra que o caminho delineado no capítulo anterior relativamente ao pensamento de Herculano, não é um caminho linear, pois no mesmo artigo em que Herculano faz a apologia do Cristianismo dizendo que êle é a tarefa fundamental dos escritores da época, também diz “que o século XVIII chamando ao tribunal da razão as crenças e superstições da humanidade, ..., realizou uma fase necessária e útil no progresso do **gênero humano**...”. “Ao século da incredulidade, sustenta Herculano, deve suceder o século da religiosidade, porque ambos têm o seu papel a desempenhar na marcha do progresso”. Para Herculano as duas filosofias, a dos **afetos** e a do **entendimento**, ambas têm vantagens, em ambas há erro e verdade, e o verdadeiro filósofo seguirá pelo **caminho médio**. E é este o **ecletismo** de Herculano. Herculano não ultrapassa por meios racionais o kantismo e o sensualismo. Herculano “sustenta contrariamente ao ecletismo, a impotência radical da razão

humana e considera a intuição mística, graça divina, como única possibilidade de alcançar o absoluto". Mas segundo Antônio José Saraiva, Herculano não deixa de aproveitar do ecletismo algumas respostas a problemas particulares. E é com essa base filosófica que Herculano faz a interpretação da história. Antônio José Saraiva mostra-nos a seguir, neste capítulo, como Cousin chega à afirmação "que nos campos de batalha não são os homens quem morre, mas as idéias". Uma sociedade é a encarnação de uma idéia. E Antônio José Saraiva mostra como esta concepção se harmoniza com os textos e com as interpretações de Herculano: "a decadência do domínio árabe na Península é explicada pelo fato da civilização muçulmana assentar **sobre a falsa base do islamismo**, e a reconquista aparece como um debate entre o Evangelho e o Alcorão; a verdadeira origem da independência portuguesa está na **idéia de nacionalidade portuguesa, idéia que amadurecera e radicara nos ânimos de modo indestrutível...**"; "o desaparecimento da servidão da gleba é explicado pela semente de liberdade contida no Evangelho"; é também de uma idéia que nascem os municípios medievais. Para Herculano, segundo Antônio José Saraiva, "Cada época dentro da história da civilização representa uma idéia". "A idéia de liberdade, por exemplo, caracteriza a época contemporânea e o advento da burguesia". E a seguir põe Antônio José Saraiva o problema de saber como é que as idéias se sucedem umas às outras. Como se sai de uma idéia para outra? Antônio José Saraiva põe o problema do progresso. Diz-nos que Victor Cousin segue a tese hegeliana e diz que Herculano neste ponto deixa de acompanhar Cousin, remetendo-se a uma "teoria providencialista da história" que afinal não é mais do que "uma interpretação religiosa dos acontecimentos". Herculano retrocede de Hegel e Vico para Bossuet e Santo Agostinho. E Antônio José Saraiva define uma "interpretação religiosa da história", como uma "interpretação sempre acompanhada de juízos absolvendo, condenando ou glorificando as ações dos homens e dos povos". Uma interpretação que "não toma em conta a relatividade histórica: fazendo comparecer todos os homens por igual perante o tribunal de Deus considera-os igualmente responsáveis, sem atender à diferença dos tempos, à relatividade das estruturas sociais. E' uma concepção contraditória com a idéia de evolução, com o próprio espírito histórico". E' assim que se exprime Antônio José Saraiva, para nas páginas seguintes nos fundamentar estas afirmações, dizendo-nos que "tôda a **História de Portugal** está cheia de juízos morais". Juízos morais sôbre personagens histó-

ricas, como Afonso IV, Afonso Henriques, Fernão Peres de Trava, João III, Afonso II. E como condena os homens, condena também as instituições: a monarquia absoluta — diz Antônio José Saraiva — “é objeto de repetidas condenações”, e a **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal** “é fundamentalmente um processo e um julgamento”. Antônio José Saraiva fecha esta crítica ao pensamento de Herculano com a afirmação de que “o que há de efetivamente evolutivo, **histórico**, no pensamento moderno, escapa, por estranho que pareça, ao primeiro historiador português”. Para Antônio José Saraiva, Herculano não supera como Cousin o faz (ou ao menos pretende) racionalismo e sensualismo. Herculano separa a filosofia da religião e é na interpretação destes dois campos adversos que ele vê o ecletismo. Herculano procura a conciliação entre a filosofia e a religião, procura o estabelecimento de um **modus vivendi** entre ambas.

Nem com tôda esta bem sugestiva interpretação do pensamento de Herculano estamos de acôrdo. Parece-nos abundarem os textos de Herculano que contrariam grande parte, ou pelo menos o sentido extremista, da tese de Antônio José Saraiva. Como conclusão àcerca da filosofia da história de Herculano, Antônio José Saraiva disse-nos: “... o que há de efetivamente evolutivo, **histórico**, no pensamento moderno, escapa, por estranho que pareça, ao primeiro historiador português”. Antônio José Saraiva falou-nos dos juízos morais, absolvendo ou codegando personagens históricas, e mesmo instituições como o absolutismo, ou a inquisição. E assim denomina de **interpretação religiosa da história**, a interpretação de Herculano.

Lembremos alguns textos da obra de Herculano, e vejamos se as afirmações de Antônio José Saraiva se mantêm.

Herculano, escrevendo sôbre o absolutismo:

“Esta interrupção das formas exteriores da vida política moderna, foi absolutamente falando, um mal ou foi um bem? Não o sei; mas sei que foi uma necessidade”. (**Opúsculos**, Volume V; **Cartas sôbre a História de Portugal**; Carta V; 1842; p. 145 da 4a. edição).

Porque cumpre confessar que, se o absolutismo pesou duramente na Europa, também facilitou de um modo admirável a ligação e harmonia do corpo social”. (**Idem**; ps. 145-146).

“Foi por isso que já confessei ignorava se êsse grande acontecimento tinha sido um mal ou um bem, contentando-me com saber que havia sido uma necessidade”. (**Idem**; p. 150).

Falando do feudalismo:

“Não é um desar, um nome desonroso que nós queiramos aqui apagar na fronte do passado — o feudalismo foi um meio de progresso, um elemento de ordem, e por consequência um bem, enquanto a civilização precisou dele...”. (*Opúsculos*, Volume VI; ps. 247-248 da 2a. edição; *Apontamentos para a História dos Bens da Corôa e dos Foraes* — 1843-1844 —).

Tal como para Guizot na *Histoire de la Civilisation en Europe*, o absolutismo e o feudalismo não são aqui condenados, são admitidos como realidades necessárias a determinada época. Um sentido positivo e não valorativo é aqui expresso de maneira ineludível.

Mais. Abrindo o Volume VIII dos *Opúsculos* (*Da Escola Politécnica e do Colégio dos Nobres* -1841-), páginas 51 a 53, podemos ler, de Herculano:

“A ideia de liberdade civil e política, ideia progressiva e de transformação, é representada por essa classe que, por isso, é forte e dominadora e para ela e por ela se traçam e aperfeiçoam instituições e leis. Como com razão, diziam há um século Luís XIV e D. João V — l'état c'est moi — com razão diz hoje o mesmo de si a classe média. Virá um dia em que o predomínio desta classe se converta em violência e opressão, soando para ela a sua hora de morrer, quando a ideia geradora do progresso presente se corrompa e envelheça nas suas mãos. Que grande pensamento social surgirá então? Não o sei; nem me importa porque já não estarei neste mundo: mas embora o sangue vertido pelos sectários da liberdade, quais mártires do evangelho, não seja infecundo e a liberdade e o Cristianismo, ora vencidos ora vencedores, venham enfim a conquistar para si o império do gênero humano; sei que, bem como houve já tiranias aristocráticas e tiranias monárquicas, haverá tiranias burguesas, tiranias do balcão, da oficina, da granja, da fábrica e até, porventura, da imprensa, que agora ruge e agita o mundo em nome da igualdade civil dos homens”.

Notemos: 1). — o texto fala-nos de classes sociais que dominam as sociedades; 2). — que as classes sociais se sucedem nesse domínio; 3). — que o domínio de cada classe desaparece quando a classe que domina deixa de representar progresso para representar opressão.

Decididamente, quão longe estamos nós da interpretação religiosa da história!

Não nos esqueçamos que foi Herculano que em 1842 (!) escreveu nas **Cartas sôbre a História de Portugal (Opúsculos, Volume IV; Carta V; p. 142 da 4ª edição)**:

“... os partiços representam os interesses das diversas classes...”.

Após êstes exemplos, que nos parecem concludentes, não podemos estar de acôrdo com Antônio José Saraiva que classifica de aberração accidental, Herculano ter escrito que “Ao século da incredulidade deve suceder o século da religiosidade, porque ambos têm o seu papel a desempenhar na marcha do progresso”, ou ainda: “... o século XVIII, chamando ao tribunal da razão as crenças e superstições da humanidade ... realizou uma fase **necessária** (sublinhado meu) e útil no progresso do gênero humano...”.

Mas Antônio José Saraiva poderá dizer-nos: as personagens históricas julgadas valorativamente, a **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**, são dados que permanecem. E é certo, mas não nos esqueçamos que a **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal** foi uma obra polêmica, assim como alguns textos em que Herculano ataca o absolutismo. Há em Herculano uma obra de polemista que nos parece devermos tomar em conta numa análise cuidadosa do seu pensamento. Os juízos de valor àcêrca de personalidades históricas talvez sejam compreensíveis se nos lembrarmos das suas palavras a Oliveira Martins (**Portugal Contemporâneo, Volume II, 6ª edição, p. 322**) onde êle diz como lhe surgiu a idéia de escrever a história política de Portugal. Também a filosofia da história que nos surge na **História de Portugal (Volume VI, ps. 86-87)** me parece dar um sentido positivo onde antes havia uma concepção valorativa, uma hierarquia dos períodos históricos que é visível nas **Cartas sôbre a História de Portugal (Carta V, ps. 128-129, Opúsculos, Volume V, 4ª edição)**, nos **Apontamentos para a História dos Bens da Corôa e dos Foraes (Opúsculos, Volume VI, 2ª edição)**, e nas **Cogitações soltas de um homem obscuro (Opúsculos, Volume VI, 2ª edição)**.

Que havia de surgir um Marx depois dos Herculanos, dos Guizots e dos Thierryys, de acôrdo. Mas que a concepção da história de Herculano não é uma concepção religiosa, esse é um fato que nos parece por demais evidente.

No capítulo IV, **Teoria Política do Cartismo**, Antônio José Saraiva dá-nos o panorama político do liberalismo da época, com a luta dos dois partidos adversos: **Cartistas** e **Constitucionalistas**. Diz-nos do significado e dos objetivos destas duas correntes em luta, e da posição tomada por Herculano. Vê aqui Antônio José Saraiva evolução na ideologia e posição de Herculano, que teria evoluído de um **cartismo extremo** para uma posição muito próxima da dos **setembristas**, e portanto do **Constitucionalismo**. Quer-nos parecer que onde Antônio José Saraiva viu evolução nas idéias de Herculano, talvez seja mais justo ver evolução na atitude dos **setembristas**. Contra Antônio José Saraiva diremos que a posição de Herculano em 1867 na **Introdução à Voz do Profeta** é a mesma de anos antes na **Voz do Profeta**. E como o próprio Herculano diz, quem muda de posição é o **setembrismo**.

A seguir dá-nos Antônio José Saraiva a montagem da doutrina política do **Cartismo** através da junção dos “fragmentos dispersos ao longo da obra de Herculano, de 1836 até à sua morte”. À volta do problema da soberania popular em contra-posição à soberania do direito ou da razão, desenvolve Antônio José Saraiva esta exposição dos fundamentos teóricos do **Cartismo**. Não esquece a poderosa influência de um Victor Cousin, de um Guizot, de um Benjamin Constant.

O problema da realza também é abordado por Antônio José Saraiva, mas neste ponto esquecendo a importância que deve ter tido para Herculano a leitura de Montesquieu no **L'esprit des Lois**, onde, como para Herculano, “... la religion catholique convient mieux à une monarchie, et ... la protestante s'accommode mieux d'une république”.

Por fim fala-nos Antônio José Saraiva das idéias de liberdade e igualdade, liberdade e desigualdade na teoria política de Herculano. E termina este capítulo falando-nos da antítese indivíduo-sociedade na teoria política de Herculano, chegando Antônio José Saraiva à afirmação de que para Herculano a sociedade prevaleceria sobre o indivíduo. Ora é precisamente na sua teoria política que Herculano chega à afirmação de que a **sociedade é a coisa do indivíduo**. E apenas a conclusão de Antônio José Saraiva está de acordo com o pensamento de Herculano quando este trata das **Caixas Econômicas**, **Da pena de Morte**, **do Ensino**, e duma maneira geral no seu **historicismo**. Parece-nos haver neste ponto contradição no pensamento de Herculano: por um lado, na sua teoria política, a **sociedade é**

**coisa do indivíduo**, por outro, nos problemas de ordem social e no seu historicismo, o **indivíduo é coisa da sociedade**.

\*

No capítulo V, **Um Programa de Ensino Popular**, Antônio José Saraiva dá-nos Herculano por volta de 1840 a braços com o problema do ensino público. Segundo Antônio José Saraiva, Herculano situa o problema do ensino na mutação social trazida pela revolução liberal. O ensino herdado do absolutismo era um ensino de privilégio em que as **humanidades** predominavam em detrimento das ciências do mundo material. O ensino no entender de Herculano devia passar a relacionar-se estreitamente com o fomento econômico do País. E uma das características fundamentais do ensino na nova sociedade havia de ser a igualdade do cidadão perante o ensino: Herculano refere-se ao direito da burguesia à instrução e o mesmo princípio leva-o a generalizar êsse direito às classes operárias. Tal como a monarquia absoluta modelava os súditos para a servidão, o liberalismo terá de preparar os cidadãos para o exercício dos direitos e deveres civis e políticos.

Na última parte dêste capítulo trata Antônio José Saraiva da **liberdade do ensino**. A iniciativa particular no ensino seria o mesmo que entregá-lo nas mãos do clero, e por isso Herculano preconiza a mais larga intervenção do Estado do domínio da instrução. O Estado tem o direito de impor o ensino obrigatório até onde o julgue indispensável.

\*

No capítulo VI, **A Reforma Literária**, Antônio José Saraiva mostra-nos que Herculano se atribui o propósito da criação de uma nova literatura que corresponda à nova sociedade. Herculano desenvolve mesmo uma teoria da arte de influência kantiana, mas um Kant filtrado através do pensamento do **De L'Allemagne** de Madame Staël. E' neste capítulo que Antônio José Saraiva combate o falso, mas tão decantado kantismo e germanismo de Herculano. Antônio José Saraiva dá-nos a crítica acerba de Herculano à arte do passado. Para Herculano a monarquia absoluta teve a sua cultura, a sua arte, de privilégio, de luxo, **ad usum delphini**. Mas segundo Antônio José Saraiva, Herculano criticando o passado não chega a definir a tarefa do presente e do futuro. E até, segundo Antônio José Saraiva, há nas obras literárias de Herculano muito de

cavaleiresco e passadista, o que contraria a idéia por êle expressa da criação de uma literatura para a classe média, a classe revolucionária. Fala depois, e finalmente, Antônio José Saraiva na “aclimação” feita por Herculano do romance histórico de Walter Scott.

\*

Para terminar, diremos que o livro de Antônio José Saraiva talvez não cumpra um dos seus objetivos fundamentais. Com o título, **Herculano e o liberalismo em Portugal (Os problemas morais e culturais da instauração do regime — 1834-1850)**, Antônio José Saraiva pretendeu dar-nos como que a resposta de Herculano aos diferentes problemas do Portugal de 1834 a 1850, e com essa resposta o próprio caminhar da ideologia de Herculano. Mas o que resulta é um Herculano estático e monolítico. A única nota que parece discordar desta minha última afirmação é a do Capítulo IV quando se diz que Herculano evoluiu dum **cartismo extremo** para uma posição muito próxima do **setembrismo**. Ora ainda neste caso, parece-nos que não é Herculano quem evolui, mas os **setembristas**. A admitir esta minha hipótese, no único caso em que Antônio José Saraiva vê evolução no pensamento de Herculano, seremos levados a pensar que, ou o pensamento de Herculano é monolítico, um bloco estático, ou o panorama que nos dá Antônio José Saraiva no Capítulo I sobre a época e os seus problemas, é um panorama esquemático, simplista. Aguardemos o 2º volume para ver mais claro neste assunto. Mas para já, poderemos avançar que o estudo da ação e da ideologia de Herculano ou de qualquer outra personalidade do século XIX português, avançará muito e a passos seguros, quando se conhecer um pouco mais o que foi a realidade portuguesa do tempo.

Mas, apesar de tôdas as objeções, por válidas mesmo que elas sejam, somos levados, sem dúvida, à afirmação de que este 1º volume de Antônio José Saraiva é, com as páginas de Oliveira Martins no **Portugal Contemporâneo**, o que de mais penetrante se escreveu sobre Herculano.